



Dia 24 de junho de 1994, falecia em São Paulo, aos 91 anos de idade, 70 de profissão religiosa, 62 de sacerdócio e 38 de episcopado, o saudoso irmão

DOM LADISLAU PAZ

Piedoso, humilde, despojado, gentil como sempre, viveu seus últimos anos na Casa Inspetorial, em São Paulo, onde, sempre homem de comunidade, participou, enquanto pôde, da vida salesiana de todos os dias, dando tudo o que podia dar, fosse embora a só presença de símbolo e sinal. Nem a muita idade o impedia de sentar-se ao confessionário do Santuário Coração de Jesus, a cuja sombra desabrochara, em seu coração de piedoso coroinha e aluno das Escolas Profissionais do Liceu Coração de Jesus, a vocação à vida salesiana e sacerdotal. Foi a derradeira atividade de uma vida cheia de méritos.

Seus restos mortais repousam no jazigo salesiano do cemitério do SS. Sacramento, em São Paulo, ao lado de tantos beneméritos salesianos que construíram a Inspetoria de Maria Auxiliadora do Sul do Brasil — seus mestres, seus coirmãos.

Esta vai ser uma carta mortuária um tanto singular. Desenvolvendo-se como por agregação, dispensará subtítulos específicos para diferentes aspectos da rica

personalidade de Dom Ladislau. Assim ele poderá estar todo inteiro em cada linha, ele que foi realmente “um só” ao longo de uma vida vivida em diferentes cargos, em regiões tão diversas destes nossos brasis.

Numa primeira parte estarão os dados biográficos; na terceira, a transcrição de vários testemunhos, quase todos coincidentes na descrição da figura moral do ilustre extinto; de permeio, a reprodução de trechos do sermão comemorativo de suas bodas de ouro sacerdotais. Nada mais que uma lembrança afetiva: terminada a santa Missa, o homenageado aproximou-se do orador e disse-lhe, sublinhando as palavras com leve sorriso: “Pronto! Está feita a minha carta mortuária!”.

Bons anos passaram. Dom Ladislau nos deixou. Foi quando o inspetor da Inspetoria de Maria Auxiliadora, Pe. Antônio Carlos Altieri, e o vice-inspetor, Pe. Mario Quilici, julgaram de bom alvitre confiar a redação da carta mortuária a quem conhecia Dom Ladislau desde o recuado fevereiro de 1924... Já me aprestava a enfileirar escusas, quando lembrei: “Pronto! Está feita a minha carta mortuária!”. Curvei-me então ingenuamente ao convite, numa homenagem ao clérigo recém-saído do noviciado, que seria meu professor, diretor e sempre amigo. Quem sabe ele até aprovasse a escolha... Descobri depois, na releitura do sermão, alguns dados históricos de família, acompanhados de ligeiras observações que me pareceram capazes de proporcionar, pelo menos aos mais adiantados em anos, a oportunidade de se reencontrarem em agradáveis reminiscências. Razões do coração...

Um esquema de redação assim concebido expõe-se ao risco de inevitáveis repetições, que os irmãos saberão relevar.

...

Começamos pelos dados biográficos, transcrevendo *ad litteram* o bem-feito comunicado de morte distribuído aos salesianos pelo então vice-inspetor, Pe. Antônio Carlos Galhardo.

“Comunicamos que hoje, 24 de junho de 1994, às 16h20, o Senhor Jesus chamou para o Reino dos Bem-aventurados o nosso querido e estimado irmão Dom Ladislau Paz.

Dom Ladislau Paz nasceu na cidade de Taubaté (SP), no dia 29 de junho de 1903. Foram seus pais o Sr. Júlio Paz e D. Manoela Sastre Paz.

Foi batizado na cidade de São Manoel no dia 1º de novembro de 1903 e crismado em São Paulo no dia 24 de setembro de 1916.

Em 1915, aos 12 anos de idade entrou no colégio salesiano “Liceu Coração de Jesus” (SP). Frequentou o Oratório Festivo, as Escolas Profissionais e era coroinha do Santuário Sagrado Coração de Jesus, sob a direção do zeloso Sr. José Pinto Ferreira.

Em 1918 foi para o Seminário Salesiano São Manoel de Lavrinhas (SP), onde fez os cinco anos do curso ginasial.

No dia 27 de janeiro de 1923 entrou para o noviciado em Lavrinhas, fazendo a primeira profissão religiosa no dia 28 de janeiro de 1924. Também em Lavrinhas fez os estudos filosóficos (1924-1925) e o tirocínio prático (1926-1929).

De 1929 a 1932 estudou teologia na Itália—Turim (Crocetta). No dia 31 de dezembro de 1928 emitiu os votos perpétuos.

Foi ordenado sacerdote na Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora, em Turim, pelas mãos do arcebispo D. Maurílio Fossati, no dia 3 de julho de 1932.

De volta ao Brasil, foi conselheiro escolar em Lavrinhas, coordenador de pastoral em Niterói, diretor em Lavrinhas, mestre de noviços em Pindamonhangaba, diretor em Lorena e inspetor da Inspetoria Salesiana São Luís Gonzaga no Norte e Nordeste do Brasil, a mais extensa Inspetoria da Congregação.

Em 1955 foi escolhido para Bispo Auxiliar de Dom Orlando Chaves, então Bispo de Corumbá. A ordenação episcopal deu-se em 12 de outubro desse mesmo ano. Com a transferência de Dom Orlando para Cuiabá, Dom Ladislau passou a Bispo de Corumbá até o ano de 1978. Durante esse período desenvolveu intenso trabalho pastoral na diocese de Corumbá, que abrange também áreas indígenas. Participou de todas as sessões do Concílio Ecumênico Vaticano II. Pelo seu trabalho de promoção humana mereceu altas distinções, entre elas a de oficial da Ordem do Mérito Militar e Grande Oficial do Mérito Naval.

Resignando em 1978, ao completar 75 anos, passou a residir em Pindamonhangaba, no Instituto do Coração Eucarístico, onde comemorou o Jubileu de Ouro de Sacerdócio.

Seus últimos anos de vida passou-os, como sabemos, na Casa Provincial dos Salesianos, em São Paulo (SP)."



Por sugestão de Mons. João José de Azevedo, pároco em Pindamonhangaba (SP), ex-aluno, amigo e benfeitor dos salesianos — salesiano que era de coração —, a Missa de ação de graças pelas bodas de ouro sacerdotais de Dom Ladislau foi celebrada na igreja matriz de N. Senhora do Bom Sucesso, dia 12 de outubro de 1982. À proclamação do Evangelho seguiu-se o sermão gratulatório.

"Queria trazer para as breves palavras, que — com permissão e ajuda de Nossa Senhora Aparecida — devo pronunciar à feição de homilia, a simplicidade inocente das primeiras impressões de um menino vindo do extremo Sul do país, ao entrar no aspirantado de Lavrinhas, em fevereiro de 1924. A tradicional casa de formação contava apenas dez anos de existência. Recém-chegado da planura arenosa sobre a qual descansa a cidade de Rio Grande, via agora a mole amarelo-gualda ainda inconclusa do São Manoel, ancorada no mar de morros que costeia as margens do Paraíba.

Nesse quadro inusitado, foram surgindo aos poucos os elementos de escol que constituíam a paisagem humana de então. A começar pelo diretor, que, sorridente e solícito, veio ao encontro do Pe. José Jany para dar-lhe boas-vindas a ele e aos dois gauchinhos que longa viagem separava dos pais e parentes saudosos.

Quantas vezes relembrou essa acolhida carinhosa o Pe. Henrique Mourão, mais tarde bispo de Campos e de Cafelândia, em encontros fortuitos acontecidos ao longo da vida!

Foi, depois, a vez do recém-ordenado Pe. Valentim Cricco, no pleno vigor de sua exuberante juventude. Em seguida, o austero Pe. Aníbal Lazzari, abalizado mestre de latim, grego e canto gregoriano. A seguir, o monástico Pe. Antônio Varchi, refletindo nos olhos que se adivinhavam por baixo de longas sobranceiras a imagem de Dom Bosco, com o qual tivera a fortuna de conviver: vulto lendário pelo heroísmo com que se devotara, em 1896, ao atendimento espiritual dos tripulantes do cruzador italiano ‘Lombardia’ atingidos pela febre amarela. O impressionante Pe. Virgínio Battezzati, falecido há pouco, em Roma, no esplendor dos seus lúcidos 90 anos: figura marcante de asceta, mestre experimentado de vida espiritual, que tão sabiamente orientou seus dirigidos, sacerdote zeloso como o comprovaram, aqui no Brasil, Lavrinhas, Cruzeiro, Campo Belo e cidades circunvizinhas. A presença insubstituível de vários irmãos coadjutores: dirigiam nesse tempo a miniatura de Escolas Profissionais, que tão bons serviços prestavam à casa e à inspetoria. Os noviços que, tomados de emulação, víamos deixar aos domingos o *hortus conclusus* em que viviam recolhidos e atravessar em diagonal o pátio central rumo à capela, sobraçando a sobrepeliz e segurando na mão direita apoiada ao peito um volumoso e invejado *liber usualis*. Para os lados da mata, o pátio dos ‘filósofos’ assinalava um estágio a mais na caminhada lenta, mas solidamente estruturada para o sacerdócio. E os professores... E os assistentes... E os aspirantes, cujo número com nossa chegada elevamos a exatos noventa...

Entre os assistentes destacava-se, à frente da divisão dos maiores, o Cl. Ladislau Paz. Notabilizava-se pela capacidade de transmitir, em interessantes aulas, conhecimentos botânicos, geográficos, históricos e sobretudo litúrgicos. Percebia-se-lhe o interesse pelas coisas da Igreja, pelo exato transcorrer das funções sagradas. Ensinava-nos a maneira digna de nelas participar (como fez recentemente João Paulo II). Os movimentos de rito eram então executados a primor, com excessiva rigidez quem sabe, mas havia neles uma alma, a alma dos mestres e a alma dos discípulos, convencidos de estarem a fazer uma coisa santa e de que *sancta sancte tractanda*...

Em meados do ano, deixava-nos o Pe. Henrique Mourão, nomeado que fora administrador apostólico da que voltaria a ser a diocese de Campos. Substituiu-o a figura inolvidável do Pe. André Dell’Oca, homem como se encontram poucos. Todo amor pela Congregação, dirigiu com tino paterno, durante seis anos, o colégio necessitado, na ocasião, de mão forte. Do São Manoel passou a governar a Inspeção de Maria Auxiliadora. Já entrado em anos, foi nomeado ecônomo inspetorial e, por fim, pároco dos Campos Elíseos. Em momentos de vagar, esboçou uma autobiografia, curiosamente dividida em períodos de vinte anos, como Dom Bosco dividira em décadas as ‘Memorie dell’Oratorio’. Nas reminiscências do primeiro ano de Lavrinhas, que circunstâncias várias tornaram difíceis (entre elas a revolução deflagrada em São Paulo, que provocou o

isolamento de vasta parte do Vale do Paraíba), consigna o 'válido apoio recebido do Cl. Ladislau Paz, assistente dos maiores'.

Era esse o ambiente, esse o quadro dos formadores. Sem grande aparato científico, criavam com a qualidade da sua presença o clima em que tão bem se formaram tantos salesianos. Eram homens amadurecidos na naturalidade de uma observância herdada de mestres plasmados diretamente por Dom Bosco. Austeros consigo, bondosos com os dirigidos. Tínhamos, os aspirantes (o menino é um filósofo imberbe), a impressão de uma unidade de pensar, posta a serviço dos educandos. Suas lições iam-se sedimentando, vezes de maneira empírica, mas não deixavam de ser assimiladas e transformadas em vida. Não as esquecem agradecidos os meninos de então, agora envelhecidos com o inexorável escoar-se do tempo.

As boas qualidades do Cl. Ladislau levaram-no à assistência dos noviços, responsabilidade em que se houve a contento. Completado o triênio, partiu para Turim, a fim de cursar o Estudantado Teológico Internacional da Crocetta. Nele instalava-se a esse tempo a sede da Inspetoria Central, e o recém-chegado passou a secretariar o inolvidável Pe. Pedro Rota, inspetor, bem informado dos dotes do jovem estudante, provincial que fora da Inspetoria de Maria Auxiliadora até meados de 1925. Ao deixar o cargo para ser visitador da futura inspetoria portuguesa, substituiu-o o Pe. Renato Ziggitti, mais tarde, por 12 anos, Reitor-Mor da Congregação. A escolha do auxiliar recaiu novamente sobre o salesiano leal e sobretudo discreto, como convém a um secretário.

Em 3 de julho de 1932, foi ordenado sacerdote, na basílica de Maria Auxiliadora, em Turim—Valdocco. Nesse santuário, em que cada tijolo, no dizer de Dom Bosco, significava um agradecimento a uma graça de Nossa Senhora Auxiliadora, ordenavam-se anualmente várias dezenas de sacerdotes, que em seguida se distribuíam por todas as regiões do globo, após completados os estudos e usufruída a oportunidade ímpar de aprofundar o carisma de Dom Bosco no coração da obra salesiana.

Novamente no Brasil, as atividades do neo-sacerdote desenvolvem-se em Niterói, Lavrinhas, Lorena e Pindamonhangaba, em cargos de sempre maior responsabilidade: conselheiro escolar, catequista, diretor, mestre de noviços.

Os que passaram por sua direção lembram o sacerdote modesto, ordenado, comedido, capaz de dizer muito com palavras poucas. Que se impunha sem amedrontar, que corrigia sem humilhar, que estimulava a melhorar e crescer. Lembram-lhe a maneira de celebrar: consciente, compenetrado, composto, pronunciando claramente as palavras. Quem diante dos homens era um gentil-homem, sabia como bem se haver à presença de Nosso Senhor...

Toda a experiência adquirida num trabalho exigente e diuturno, todo um passado de aderência ao compromisso religioso, foi posto, em 1946, a serviço da Inspetoria de São Luís Gonzaga, que então abrangia o Norte e o Nordeste brasileiros, da Bahia às missões do Amazonas. Não havia como hoje a facilidade relativa de transportar-se de um lugar para outro. Sem embargo, Dom Ladislau fez regularmente as visitas inspetoriais. Os testemunhos dos que o tiveram como

superior dizem da sua fidelidade ao dever, da coerência de atitudes, sobretudo do interesse pelo bem dos irmãos e dos educandos. Dos futuros salesianos principalmente, para os quais construiu o grande e simpático aspirantado de Carpina.

Em 1955, surpreendeu-o a nomeação para bispo titular de Amathunte de Palestina e auxiliar do bispo diocesano de Corumbá. Nessa função esteve nos anos 1955 e 1956, passando em 1957 a Administrador Apostólico e em 1958 a bispo diocesano. Iam-se realizando os planos de Deus na trajetória ascensional do fiel lidador. Foi há 25 anos!... Como ficava bem Corumbá para quem vinha do Nordeste salesiano, de onde procediam dois de seus predecessores, Dom Vicente Priante e Dom Antônio Lustosa, de cujas vidas e virtudes resta lembrança imorredoura nos anais da Igreja que está em Mato Grosso. A figura hierática de Dom Lustosa foi evocada em 10 de julho deste ano por João Paulo II, no discurso ao episcopado brasileiro em Fortaleza: ‘A figura admirável de Dom Antônio de Almeida Lustosa, que repousa nesta catedral e que deixou nesta diocese a imagem luminosa de um sábio e de um santo’.

Na esteira de tão ilustres predecessores, Dom Ladislau Paz dedicou-se de corpo e alma a um apostolado sacrificado, que devia cobrir os mais de 132.000 km² de sua diocese, no calor sufocante que caracteriza a região. De trem, de barco, de caminhão, a cavalo... O bom pastor a consumir a vida pelas ovelhas, palmilhando longes imensuráveis, com todos os sacrifícios inerentes às exigências martirizantes do amor.

Creio conhecer suficientemente Dom Ladislau para saber que não lhe agradaria ver recordados todos os seus feitos apostólicos nem salientados seus inegáveis méritos neste dia jubilar, que ele bem queria de silenciosa e recolhida ação de graças. Se o fazemos, ainda que de maneira incompleta e superficial, é para nossa edificação e para afervoramento de nossas preces solidárias.

Mas há um aspecto que merece destaque. Diz Puebla que hoje, de maneira especial, pede-se ao bispo um testemunho evangélico pessoal. E observa com satisfação que ‘atualmente há mais simplicidade e pobreza na forma de vida dos bispos’. Tal verificação foi para João Paulo II motivo de alegria. ‘Refiro-me, afirmou em Fortaleza, à imagem que vós, bispos brasileiros, projetais em toda a Igreja e no mundo inteiro: imagem de pobreza e simplicidade, de devotamento pleno, de proximidade ao vosso povo e plena inserção em sua vida e problemas’. Tenho a impressão que Puebla, e também João Paulo II, ao fazerem tais afirmações, visitaram — como visitei com comovida edificação — o quarto humilde do humilde bispo de Corumbá, onde toda a mobília se resumia numa cama das mais simples, num desgastado criado-mudo, num armário bastante anoso e numa pequena mesa. Aí estava a pobreza, afinada com o restante da casa. Pobreza presente na mesa, no vestuário e nas exigências pessoais. Pobreza pura, pobreza verdadeira, sem alardes farisaicos, sem fátua demagogice. A pobreza de Cristo...

Ao atingir, em 29 de junho de 1978, a idade-limite, Dom Ladislau renunciou à sua diocese. E voltou para a casa salesiana. Com a simplicidade espontânea de

quem nunca a deixara. No Instituto Coração Eucarístico, onde havia sido o primeiro mestre de noviços, simples salesiano entre irmãos salesianos, vive exemplarmente a vida comunitária. Nas práticas em comum, nos recreios, na rotina diária. Indiferente aos anos, que para ele também passaram, confessa, celebra, em casa e fora de casa, acode prestimoso onde lhe solicitem a presença sacerdotal. Exemplo e estímulo. Sacerdote realizado, salesiano feliz, por sê-lo em plenitude. É o que admira e encanta e nos traz a todos para esta celebração. (...) Quando se vive assim, qualquer data, qualquer hora, qualquer instante merece comemorado. É o que fazemos agora com alegria e muitas preces (...).”

...

Os testemunhos (somos gratos aos que no-los enviaram) darão maior ressonância ao que de Dom Ladislau viemos lembrando até agora. Os pequenos detalhes que os enriquecem são como pedrinhas de mosaico, minúsculas mas valiosas para o embutido final, que ostenta, no caso, a figura exemplar de um irmão com lugar definitivo na história do Brasil salesiano.

Em 25 de junho de 1994, o Santo Padre enviou, por intermédio da Nunciatura Apostólica, o seguinte telegrama ao Bispo da diocese de Corumbá: “Sumo Pontífice recebida com pesar notícia falecimento Dom Ladislau Paz SDB, bispo emérito Corumbá, eleva seus sufrágios pelo eterno descanso dedicado pastor comunga sentimentos apresenta condolências comunidade diocesana de Corumbá em especial Sociedade de São Francisco de Sales e familiares enviando-lhes como penhor de conforto na esperança em Cristo Ressuscitado sua Bênção Apostólica. Ass. Cardeal Angelo Sodano Secretário de Estado”.

De Dom Luciano Mendes de Almeida, Presidente da CNBB: “Acabo de receber a notícia do falecimento do querido Dom Ladislau Paz, que a todos nos encantava pela sua bondade e exemplar conduta. Conservo a lembrança de sua vida santa e do amor ardoroso à Igreja. Unidos na oração agradeçamos a Deus sua vida e alcancemos não só o prêmio para sua alma, mas a certeza de sua intercessão por todos a começar da família salesiana que ele tanto amava”.

De Dom João Resende Costa, arcebispo emérito de Belo Horizonte: “Em Dom Ladislau esteve sempre presente uma vontade tranqüila de fazer tudo dentro de uma permanente fidelidade à vontade de Deus e às normas da Igreja e da Congregação Salesiana, a qual é preciso dizer que ele muito honrou com sua vida. Sua bondade não tinha arroubos de grandeza nem cintilações de brilho excepcional. Era a observância inapontável. Em tudo. Sem vaidade. Com exatidão. Talvez, até, com certa predominância de austeridade, o que era um pouco o estilo da época. Seus assistidos do tempo de noviciado iriam sabendo com o tempo amenizar o que tivesse havido de excessivo. Gostaria de lembrar que Dom Ladislau, levado inclusive pela fidelidade aos seus deveres de formação cultural,

cultivava com sobriedade o bom gosto literário. Nas casas de formação cantou-se por muito tempo um belo hino a Domigos Savio traduzido por ele do italiano, dentro das boas normas da poesia. Dele aprendi muita coisa interessante na área da classificação das plantas, lições que ele nos transmitia despretensiosamente nos passeios que dávamos nas quintas-feiras pelas matas da redondeza de nossa casa de noviciado. Com essas duas informações estou querendo dizer que nele havia muitos valores que sua modéstia não deixou transparecer. Eram como sementes que ele ia deixando cair pelo caminho com toda simplicidade. Sementes de bem e de verdade”.

De Dom Edvaldo G. Amaral, Arcebispo de Maceió, um testemunho sobre Dom Ladislau à frente da Inspetoria do Nordeste: “Em reunião histórica, no segundo semestre de 1946, o Pe. Guido Barra, até então nosso Inspetor, anunciava que tinha sido transferido para o mesmo cargo no Mato Grosso e que o iria substituir o desconhecido diretor de Lorena, Pe. Ladislau Paz. Assim a Inspetoria do Norte e Nordeste do Brasil recebia seu primeiro Inspetor brasileiro, embora ‘do Sul’, como então dizíamos. (...) Passei a conhecê-lo mais de perto e comecei a admirar a sua salesianidade. (...) Dom Ladislau encarnou para mim, jovem sacerdote, a figura do salesiano fiel. Fiel aos seus compromissos, por pequenos que fossem, escravo do horário (diria ‘até demais’). (...) Fiel a Dom Bosco e à Igreja. Fiel às Constituições, às orientações dos Superiores, ao seu cargo, ao trabalho de cada dia, com método, com humildade, com despojamento. Foi firme, sem deixar de ser paterno. Trabalhou muito pelas vocações, sem esquecer os outros setores da ação salesiana. Foi prudente, sem ser tímido nem duvidoso. (...) Não deixou a lembrança da realização de notáveis obras materiais, exceto a construção do grande Aspirantado Salesiano de Carpina, que foi o sonho de seu inspetorado, sonho demorado, que não teve a satisfação de ver completamente concretizado. (...) Soube, com bondade e firmeza, levar a Inspetoria na fidelidade a Dom Bosco, no apeço à Regra e na preservação da sadia tradição, até a uma equilibrada disciplina e a uma saudável convivência. (...) Seu exemplo de observância estrita, de serenidade, de trabalho e de humildade, sem grandes arroubos e rasgos de eloquência, na modéstia e simplicidade de suas cartas circulares, iluminava toda a Inspetoria e era forte estímulo para nós, das novas gerações, a viver seu modelo de salesianidade”.

Em conversa informal, Dom Hilário Moser, bispo de Tubarão (SC), ressaltava “o apego a Dom Bosco e a Maria Auxiliadora, a identidade salesiana, o clima de interioridade que sempre cultivou, a pontualidade em algumas práticas: o terço às 15 horas, na capelinha abafada da casa inspetorial em dias de grande calor, a fidelidade aos ‘Nove Ofícios’, a mortificação que o levava a servir-se à mesa das frutas machucadas ou já um tanto passadas. Transparente a observância dos votos. Obediente, aceitou encargos à primeira vista superiores às suas possibilidades. Casto, inteiramente casto, diríamos obsessivamente casto, na delicadeza das palavras, no cuidado com que zelava pela virtude de seus dirigidos.

Sempre, sempre reto. Rico de virtudes humanas: sincero, generoso, atencioso. Notável a grande deferência com que a todos tratava (não deixava carta sem pronta resposta). Tantas pérolas fazem esmaecer alguns pequenos defeitos, como certa severidade ou aparência de formalismo”.

Do Pe. Iran Corrêa, colega de ordenação: “Como aspirante em Lavrinhas, de 1918 a 1931: solícito, muito exato em tudo, amigo de todos, muito organizado — de ótimo exemplo. Seus modos distintos pela piedade, tornaram-no digno de estima de colegas e superiores. (...) Idoso e combalido na saúde, voltou à Inspetoria (Pindamonhangaba) vindo a terminar seus últimos anos na Casa Inspetorial, onde deu os melhores exemplos de vida religiosa. Mostrou-se paciente nos grandes sofrimentos da doença e do tratamento, devido à sua grande modéstia. Sempre o mesmo a vida inteira: santo aspirante, santo noviço, santo salesiano, santo bispo... santo enfermo!”.

Do Pe. Antônio Lages de Magalhães, contemporâneo de Dom Ladislau: “Em Lavrinhas, em 1922, conheci o aspirante Ladislau Paz, ex-aluno do Liceu de São Paulo. Um moço alto, bem-apegoado, muito delicado e atencioso. Aí mesmo, em Lavrinhas, tive-o como professor. Professor capaz, de boa didática. Ainda no saudoso Colégio São Manoel, fomos colegas de assistência. Sempre lhe tive reverente amizade e sempre lhe fui muito grato, principalmente pelas atenções que me dispensou nos meus dois anos de Crocetta. (...) A Crocetta. A esplêndida *schola cantorum*, regida pelo renomado Pe. Grosso, dos tempos de Dom Bosco. O teólogo Ladislau, bom tenor, sempre serviçal e muito ordenado, era o responsável pela distribuição das partituras nos ensaios e apresentações. Trabalhamos juntos em Niterói, lá pelos idos de 40/41. Foi catequista (nomenclatura da época) zeloso e estimado. (...) Homem reto, sério, reservado, muito organizado. Uma pessoa discretíssima, sempre merecedora da maior consideração daqueles que o contactavam mais proximamente. Salesiano exemplar, amante da disciplina, defensor de nossas tradições. Sem dúvida, figura veneranda”.

Do Pe. João Bosco Monteiro Maciel, Inspetor da Missão Salesiana de Mato Grosso: “Louvamos ao Senhor por ter dado à Igreja de Corumbá, de Mato Grosso, e à nossa Inspetoria por mais de 20 anos de sua centenária história, um irmão sábio e santo, modelo de pastor, digno sacerdote, exemplo e testemunho dos grandes valores do carisma salesiano”.

De Dom José Alves da Costa, Bispo de Corumbá, na Celebração Eucarística em sufrágio “do nosso caríssimo Dom Ladislau”: “Estamos tristes pela morte de Dom Ladislau, sobretudo aqueles que partilharam do seu pastoreio, por mais de 20 anos aqui na nossa diocese e o conheceram bem de perto, na sua grandeza espiritual, na sua grandeza de apóstolo, na sua humanidade e como confrade Salesiano. Mesmo aqueles que tiveram pouco contacto com ele, como eu,

perceberam em Dom Ladislau um homem de muita fé e espiritualidade; de grande e intensa união com Deus, e de uma caridade ímpar, a começar pelo seu jeito de acolher, sereno e fraterno, e sua dedicação e amor pelos irmãos mais pobres, os mais carentes... Dom Ladislau ficará vivo, para sempre, em nossos corações e em nossa memória, pois como diz o dito popular: ‘Ninguém morre enquanto permanece vivo no coração de alguém’”.

Do Pe. Ladislau Klinicki, confessor de Dom Ladislau: “Nos dez anos que convivi com ele em Pindamonhangaba e aqui em São Paulo até sua santa morte, não poderia encontrar outra palavra mais para esse querido salesiano senão santidade. Sua vida de trabalho santificado e sua oração eram realmente dignas de um santo. Como seu confessor por muitos anos, posso dizer que Dom Ladislau era mesmo extraordinário. Ao confessá-lo, eu sempre me perguntava a mim mesmo: ‘Mereço eu, pobre sacerdote, ouvir suas delicadas confidências e admirar essa delicadeza de consciência? E respondia a mim mesmo: *Mirabilis Deus in sanctis suis*’. Todos os meses eu ia pedir-lhe a bênção de Maria Auxiliadora, e ele aproveitava também para a confissão sacramental, dando-me um belo exemplo de humildade, sinceridade e angelical modéstia, tão esquecida em nossos dias e tão recomendada pelo nosso santo fundador Dom Bosco. (...) Foi eminente confessor e autêntico apóstolo de Cristo, que, com sua humildade, com sua voz delicada e carinhosa, soube conquistar todos que tiveram a felicidade de conhecê-lo de perto como eu. Com humildade carregou no peito sua cruz episcopal, mas, com paciência admirável, carregou também as dolorosas cruzes de sua vida, deixando boas e indeléveis recordações em todos, e por isso realmente agradou a seu Deus da Misericórdia”.

Da Ir. Edna Maria, das Irmãs Franciscanas da Terceira Ordem Seráfica, Pindamonhangaba: “Dom Ladislau Paz, manso, humilde, revestido do espírito de oração. Portador de um coração generoso, cheio de misericórdia e paciência no atendimento às pessoas. Cheio de sabedoria e da graça de Deus, sempre aberto ao sacrifício e acolhedor dos dons de Deus”.

Da Ir. Cecília Braga, da mesma Congregação: “Dom Ladislau, testemunho e estímulo de fidelidade a Deus, à Igreja e à sua Congregação. (...) Lecionava em nosso noviciado franciscano da Terceira Ordem Seráfica, já nos seus 80 anos de idade. E o fazia com grande dedicação. (...) Nestes dias disse-me Dom Geraldo M. de Moraes Penido, arcebispo de Aparecida, a propósito de Dom Ladislau: ‘Todo elogio a Dom Ladislau é pouco. Foi, a meu ver, um santo’”.

Do Salesiano Coadjutor Antônio Testoni, ecônomo do aspirantado de Pindamonhangaba ao tempo de Dom Ladislau: “O enxoval de Dom Ladislau era de uma pobreza franciscana. As irmãs salesianas, responsáveis pelo setor da lavanderia, avisaram-me que ele não tinha mais roupa. As poucas que ele possuía

já não estavam em condições de serem consertadas. Providenciei roupas novas e as entreguei às irmãs para serem marcadas. Não quis aceitá-las. (...) Pedi que escondessem as roupas velhas, e ele não teve outro jeito a não ser aceitar as novas. (...) Recebeu dos diocesanos de Corumbá certa quantia em dinheiro. Sabendo que o seminário estava precisando de uma condução, procurou-me e entregou-me a doação, não aceitando que o carro fosse registrado em seu nome. Nunca veio pedir o carro. Eu o vi várias vezes no ponto de ônibus para ir até São Benedito, onde era capelão. (...) Ele mesmo limpava seu quarto. Um dia o surpreendi ajoelhado para fazer a limpeza do banheiro. (...) Quando me via trabalhando sozinho no pomar, ele, com aquele espírito de solidariedade, vinha com uma enxada para me ajudar. Várias vezes o surpreendi varrendo os pátios (...)."

Do Pe. Henrique Brito, um retrato de Dom Ladislau formador no Aspirantado de Lavrinhas: "Queria o ambiente da casa tranqüilo pela ordem, pela regularidade. Uma alegria borbulhante, serena, de quem sente a presença de Deus, na seriedade dos estudos, nos folguedos dos pátios, dos passeios. Uma piedade espontânea, sincera, natural como fonte viva a alimentar a vida e o ideal de todos da casa. Por isso acompanhava, orientava os Salesianos, os assistentes, os professores, cada qual no seu setor de ação e todos em conjunto, para que se entendessem e formassem um só corpo, um só espírito no trabalho delicado da formação. (...) Tinha um olhar sagaz para perscrutar o temperamento, as tendências, as inclinações, os dotes físicos, as qualidades intelectuais, os sentimentos, os dotes morais, as capacidades de cada aspirante, de cada formando, proporcionais à própria idade. (...) Nos colóquios com os dirigidos era um grande pai, bondoso, compreensivo, firme, seguro, que amava os seus e por eles se fazia amar. Procurava que nós assistentes fôssemos verdadeiros irmãos dos assistidos, bondosos, compreensivos, justos, amigos, sacrificados. Pedia um relatório de dois em dois meses. Depois conversava com cada assistente em particular. Trocava então idéias, observações. Corrigia, ajudava, visando o bem de cada assistido e do próprio assistente salesiano. (...) Nele, por ele, com ele sentia-se o grande e imenso amor de Dom Bosco para conosco, jovens Salesianos".

A Câmara Municipal de Corumbá votou por unanimidade uma Moção de Pesar pelo falecimento de Dom Ladislau Paz: "Durante 21 anos, Dom Ladislau Paz foi Bispo em Corumbá, tempo esse em que seu rebanho sentiu a cada dia, a cada momento, a presença constante do amor de Cristo nos seus atos, nas suas palavras".

...

É tempo de concluir. E o fazemos agradecendo a Deus a preciosa dádiva que foi a presença de Dom Ladislau entre nós. Muitos o conheceram e admiraram apenas nos derradeiros anos de sua veneranda velhice, vivida em perfeita observância e exemplaridade, tão conformes a toda sua vida. Como encantam as pessoas que

demonstram com seu ser jamais haverem deflectido do caminho certo pelo qual enveredaram desde a juventude! Dom Ladislau foi uma delas. “Sempre o mesmo a vida inteira: santo aspirante, santo noviço, santo salesiano, santo bispo, ...santo enfermo!”, como disse na missa de sétimo dia o colega Pe. Iran Corrêa.

Permitimo-nos, ainda, uma observação. Diz a Escritura que “nós todos cometemos muitas faltas” (Tg 3,2). Talvez se possa afirmar, paradoxalmente, que os santos são grandes também pelos seus defeitos, que o mais das vezes não passam de defeitos de suas virtudes, como uma possível resistência à novidade não exatamente percebida, ligeiras concessões ao formalismo, severidade algo excessiva, pequenas intransigências, e outros que tais. Como se quisessem que todos lutassem, com o denodo ascético que os caracterizava, contra a mediocridade acomodada. Os defeitos, porém, longe de lhes diminuïrem a grandeza, acrescem-na, por revelarem o trabalho espiritual vigoroso e constante que empreenderam para superar as próprias debilidades. Os defeitos em que os justos caem sete vezes (cf. Pr 24,16) diluem-se na virtude cultivada e vivida, solicitada a Deus nas orações comunitárias e nas muitas orações pessoais. Em contrapartida, que de exemplos não nos deixam! Como no-los deixou Dom Ladislau!

Rezamos por ele, sim, porque nossas orações estão previstas na contabilidade de Deus. Mas também rezamos a ele, que interceda por nós. Para que saibamos, a seu exemplo, ocupar dignamente o lugar que nos compete no projeto de Deus.

São Paulo, 8 de dezembro de 1994.

Pe. Fausto Santa Catarina

Dom Ladislau Paz - Nasceu em Taubaté (SP), dia 29 de junho de 1903. Faleceu em São Paulo (SP), dia 24 de junho de 1994, aos 91 anos de idade, 70 de profissão e 62 de sacerdócio. Foi inspetor por 9 anos e bispo por 38 anos.